revista *fabulário*

#2
relações fáusticas



www.coletivofabulario.blogspot.com

Editorial

Fevereiro 2009

Desde que surgiram os primeiros relatos sobre o pacto que o Doutor Johann Faustus teria feito com o demônio até hoje, foram-se pelo menos 4 séculos. De quando optamos por uma edição temática 'relações fáusticas` até a presente publicação, passou-se pelo menos 1 ano.

Entre os longos períodos de hibernação, estudamos o mito do doutor pactário. E podemos dizer que é fácil apequenar-se diante da gigantesca tradição, especialmente enriquecida por Goethe. Ainda há muito para ser alcançado. Mesmo assim, avançamos passos importantes: delimitamos territórios, começamos a mapear e debulhar o entorno. Grande parte desse esforço foi reunido nessa edição. Um ano para quatrocentos. Parece um bom começo.

Expediente



Coletivo Fabulário: Carolina Betereli, Diogo Nogueira, Joyce Nicioli, Luiz Pires, Rafael Castro e Tadeu Costa Andrade
Capa: Luiz Pires e Carolina Betereli
Diagramação e revisão: Luiz Pires e Carolina Betereli
Colaborador: Filipi Andrade

Crédito das imagens

página 12: colagem de de Carol Betereli com imagem do filme Fausto, de F. W. Murnau.

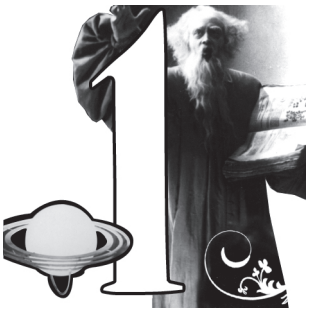
página 14 e 15: fotografia gentilmente cedida por de Mika P.

Relações fáusticas

por Luiz Falcão e Tadeu Andrade

Histórias de pacto com o demônio são conhecidas de todos. Narrativas sobre alguém que tenha se associado com alguma entidade obscura para obter poder, dinheiro, fama ou conhecimento existem aos montes. A história que provavelmente é a fonte de grande parte delas é a que narra a vida do doutor Johann Faustus, que associou-se ao demônio para obter o conhecimento e ter seus desejos atendidos. Embora Fausto tenha realmente existido e mitos em torno de sua figura misteriosa tenham se somado pela oralidade, o primeiro livro a tomar como centro o doutor que compactua com o demônio foi História do Doutor Johann Faustus, o amplamente falado feiticeiro e nigromante, de um anônimo, que apareceu na Feira do Livro de Frankfurt em 1587. Este livro deu origem a uma série de obras que tem no seu centro o acordo com o demônio. No entanto, a obra mais conhecida dedicada ao assunto foi feita por Goethe, com o nome de Fausto (1), que modificou a lenda para sempre. O acordo com o demônio é o ponto básico, contudo, a história de Fausto ganhou novos elementos ao longo das gerações, versões e leituras da lenda.

O Pactuante



O pactuante busca associar-se ao demônio (ou outra fonte de poder) para obter algo que lhe falta, que o faz sentir-se incompleto. Em muitas versões, esse objeto de desejo é o conhecimento e o poder; no Fausto de Goethe, é, acima disso, a experiência plena da vida. Podem haver também outras motivações: riqueza e ascensão social, como n`A Maravilhosa História de Peter Schlemihl(2) ou o prazer carnal como no filme Hellraiser(3). Algumas vezes, esse desejo aparece como mesquinharia, cobiça, ganância; outras, ele corresponde a um profundo sentimento de incompletude.

A personagem que está prestes a compactuar freqüentemente está em uma situação limite. Ela está à beira da morte, impossibilitada de executar alguma ação ou já chegou definitivamente ao limite do Humano. As atitudes que a personagem pode ter diante da proposta/oportunidade variam da aceitação imediata à recusa total, dependendo muitas vezes de quanto o protagonista está atado às suas próprias convicções.

A busca



Algumas vezes, a partir dessa situação, a personagem passa a buscar algo que lhe satisfaça. Comumente isso se dá por vias místicas. O Fausto de Marlowe(4) entrega-se à magia antes de obter o conhecimento que lhe permitirá invocar Mefistófeles. Em Grande Sertão: Veredas(5), Riobaldo vai a uma encruzilhada, lugar onde popularmente se dão rituais mágicos, no intuito de invocar o demônio. Curiosamente, em Goethe, o encontro acontece de forma diferente: embora a personagem incorra em uma busca particular, é Mefisto quem vem tentar Fausto – e não o doutor que recorre ao demônio. Isso faz com que sua busca não seja somente individual, mas que as próprias forças cósmicas se debrucem sobre o protagonista.

A entidade



Freqüentemente representado por um demônio, este papel fará a mediação entre o protagonista e seu destino - ele vem aparentemente resolver um conflito, mas acaba por desencadear desventuras ainda maiores. Há casos em que a entidade não aparece explicitamente na história. Em Grande Sertão: Veredas não há a aparição do demônio e, ainda que após o pacto o comportamento de Riobaldo mude radicalmente, a incerteza sobre a existência dessa entidade permanece ao longo de todo o livro. Ainda que costume representar algo sinistro, nefasto, profano, proibido, esse ser não precisa ser necessariamente uma criatura sobrenatural. Em Crime e Castigo (6), de Fiódor Dostoiévski, por exemplo, podemos entender como Entidade a teoria empregada por Raskolnikov para cometer o assassinato - ela é abominável, exige um crime e, apesar de prometer resolver seu problema, desencadeia consequências terríveis.

O trato



O mais comum é ouvir falar do "pacto demoníaco", mas, na verdade, existem as mais diversas formas de "tratos" nos quais o pactuante pode se engajar. No Fausto de Goethe, o que existe no lugar do pacto é uma "aposta": se Mefistófeles conseguir trazer para Fausto um momento de prazer tão inebriante que ele só consiga dizer "Ó, demorate ainda! És tão belo!", ele seria servo do demônio na outra vida. No já citado Hellraiser, sequer o protagonista sabe onde está se metendo - ao montar o Cubo, já está fadado seu destino.

Em grande parte das vezes, o acordo precisa ser selado de alguma forma material: um símbolo, um código. A forma mais conhecida para isso é o contrato, que, assinado com sangue, garante o cumprimento do que foi selado. Mas existem outras formas, como o já mencionado cubo de Hellraiser.

A partir da peça de Goethe, outro tipo de acordo entrou para o hall das histórias fáusticas: a aposta entre Deus e Satanás, retirada da História de Jó, onde o demônio se apresenta diante de Deus e se diz capaz de desviar o homem mais justo da terra. Embora em Goethe isso não seja uma aposta propriamente dita, mas sim uma provocação de Mefistófeles, Murnau(7) reinterpreta a cena como uma disputa: se o demônio fosse capaz de corromper o doutor, o mundo seria seu.

Margarida



Essa personagem foi uma das grandes inovações da peça de Goethe em relação às histórias anteriores e, sem dúvida, uma das que mais chamam a atenção até hoje. Ela é uma mulher que Fausto vê passar na rua e deseja ter para si. Frágil, inocente, simples e religiosa, Margarida também acaba se apaixonando por Fausto. Na primeira parte da tragédia, ela é o grande foco do desejo do protagonista, mas também símbolo de suas contradições. A partir do seu contato com Fausto, Margarida destrói sua família e a si mesma, tornnado-se um retrato ambíguo entre culpa e inocência. O ápice dessa decadência é o assassinato do filho recém-nascido que tiveram juntos, o que acaba condenando Margarida à morte. Podemos pensar na personagem como alguém que sofre as mais pesadas conseqüências por conta do protagonista. N`O Retrato de Dorian Gray (8), a amada do personagem, Sybil, também é massacrada pelos ideais estéticos que Dorian cultua, intimamente ligados ao "acordo" que ele estabeleceu com o retrato.

Em contrapartida, Margarida é a responsável por despertar um lado "nobre" em Fausto, por levá-lo a considerar sobre seus atos e repudiar a companhia de Mefisto. No filme Fausto, de Murnau, é o sacrifício de amor que o protagonista faz ao atirar-se à fogueira junto com Margarida que o leva à salvação. Em Crime e Castigo há outra figura feminina ambígua, Sônia, inocente e prostituta, que é a responsável pelo arrependimento de Raskolnikov.

O pequeno e o grande mundo



Em Goethe, depois do trato, Mefisto diz: "Nós veremos o pequeno mundo, então, o grande". Essa frase evidencia um dos cursos da obra: de uma cidade pequena e do seu amor com Margarida, Fausto é guiado para um mundo de palácios, guerras e crises econômicas. Esse crescimento das proporções dos desejos e dos atos do protagonista encontra seu lugar também em outras obras. Novamente, n`O Retrato de Dorian Gray, a partir da juventude e beleza eternas que recebeu do quadro, o protagonista começa a cultuar um estilo de vida que passa a influenciar toda a alta sociedade. Também podemos pensar no filme Clube da Luta (9), onde o protagonista, ao associar-se com o misterioso Tyler, espera fugir de sua vida sem sentido; o que começa num restrito Clube da Luta logo se espalha pelo mundo e termina por tranformar-se em uma enorme organização terrorista.

O pandemônio



Frequentemente, o encontro com a entidade vem acompanhado por um contato com elementos estranhos ao mundo do pactuante. Assim que Peter Schlemihl encontra o estranho de cinza, ele se depara com acontecimentos absurdos e, posteriormente, é colocado diante de uma série de objetos fabulosos - a bolsa que verte moedas infinitas, o ninho que deixa seu portador invisível e a famosa bota-de-sete-léguas.

Já na História do Doutor Johann Faustus, o demônio conduz o protagonista a viagens pitorescas onde encontra diversas personagens e criaturas, entre os quais Helena de Tróia. Goethe retoma essa característica. Um momento notável é a Noite de Valpúrgis, passagem na qual Fausto é inserido em um contexto orgiástico e demoníaco e interage com toda a sorte de criaturas. A segunda parte da obra aprofunda-se ainda mais neste aspecto, confundem-se tempo e espaço ao bel prazer da narrativa, uma gama ainda mais diversificada e inusitada de personagens, situações e lugares é inserida, conferindo imensidão à obra. Alguns ocupam lugar central, outros comparecem para figurar críticas dirigidas a grupos e personalidades da época. Entre as figuras, históricas e ficcionais, reaparece Helena, com a qual Fausto tem um filho que representaria Lord Byron.

As consequências



Talvez o principal componente dos acordos fáusticos seja suas conseqüências. Uma coisa é certa: depois de selado, nada volta a ser como era antes do trato. Freqüentemente, isso acontece porque o pacto é enganador. "Por trás" do benefício prometido, escondem-se severas segundas intenções. Isso pode ter um alcance mais modesto, quando se reflete quase exclusivamente na vida do próprio pactuante. N`A Maravilhosa História de Peter Schlemihl, a personagem, jamais podendo recuperar a sombra que vendeu a um misterioso desconhecido, é obrigada a mudar o rumo de sua vida. No entanto, os efeitos podem cair sobre outras pessoas (como Margarida, de quem falamos antes) ou sobre todo um ambiente ou universo (como os grandiosos colapsos sociais e econômicos existentes na segunda parte de Fausto e no filme Clube da

Luta). Muitas vezes, isso funciona como uma tentativa da Entidade que selou o acordo de se utilizar dele para estender seu próprio poder destruidor e desorganizador sobre o mundo.

As salvação



As obras anteriores a Goethe tem um teor moralizante que exibe Fausto como um mal exemplo: aquele que por sua cobiça ou ambição excede os limites dados ao homem e paga por isso. Goethe difere dessa postura: seu Fausto é um herói mais nobre que os anteriores, movido por ideais elevados. Mefisto é quem, ao mesmo tempo que concretiza as ações pretendidas, as subverte. Por isso, considerando essa natureza, Goethe abre uma possibilidade de salvação a seu protagonista.

Raskolnikov de Crime e Castigo e Peter Schlemihl encontram também uma forma de redenção, assim como o Fausto de Murnau. Outras versões e releituras mostram o pactuante enganando e persuadindo o demônio, como no bem humorado capítulo de Chapolim (10) ou nas histórias em quadrinhos de Hellblazer (11). Não raro, o personagem não encontra saída, como o Frank de Hellraiser e Dorian Gray.

Obras referidas

Além de obras clássicas, citamos no texto outras menos convencionais, mas que julgamos relevantes por tratar de maneira inventiva elementos que encontramos na história de Fausto. É claro, a lista não se pretende exaustiva: há muitas outras histórias que retomaram o mito do doutor pactário. Com essa pequena compilação, pretendemos apenas mostrar caminhos para quem quiser conhecer mais profundamente as diversas versões e apropriações do mito.

(1) Fausto, de Goethe - Nessa peça, a personagem, frustrada por não ter atingido a totalidade depois de tantos anos de estudo, faz uma aposta com o demônio Mefistófeles: se este for capaz de oferecer um momento de vivência plena, sua alma seria dele.

(2) A Maravilhosa História de Peter Schlehmil, de Chamisso- Schlemihl conhece um homem misterioso, que oferece riqueza infinita em troca de sua sombra. A troca é realizada e ele passa a enfrentar as conseqüências de sua decisão.

(3) Hellraiser, de Clive Barker - Baseado no livro The Hellbound Heart, do mesmo autor. Frank, um homem que perambulou o mundo todo em busca de prazeres, obtém um cubo misterioso, com o qual acessaria uma dimensão de prazer absoluto.

(4) A Trágica História do Doutor Fausto, de Marlowe - Peça de teatro do mentor de Shakespeare, criada a partir da História do Doutor Johann Faustus. Ele reescreve a história do doutor que vende sua alma a Lúcifer por meio do demônio Mefistófeles para ter todos seus desejos atendidos durante 24 anos, ao fim dos quais seu espírito seria levado.

(5) Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa - O jagunço Riobaldo narra suas experiências e vivências a um interlocutor oculto.

(6) Crime e Castigo, de Dostoiéviski - O miserável estudante Raskolnikóv resolve assassinar uma velha usurária que o explora.

(7) Fausto, de F. W. Murnau - Filme de 1926, baseado na peça de Goethe. Nos deparamos novamente com o velho doutor, que agora se sente impotente frente à peste que assola a cidade e invoca o demônio para poder fazer algo.

(8) O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde - O jovem e belo Dorian Gray é convencido pelo dândi Lord Henry de que as virtudes que possui são as mais valiosas. Vendo o próprio retrato, Dorian se desespera ao imaginar que o quadro seria sempre jovem e ele envelheceria, e deseja que os papéis sejam invertidos.

(9) Clube da Luta - Baseado no livro homônimo de Chuck Palahniuk. Em uma viagem de avião, o protagonista conhece o produtor de sabão Tyler, com quem irá fundar o "Clube da Luta", que muda totalmente sua vida.

(10) Chapolim - Episódios nos quais o Polegar Vermelho narra comicamente a história do doutor Fausto, muito possivelmente inspirado por Murnau. No final, o protagonista engana o demônio usando o próprio item de sua barganha, o "Chirrim Chirriom do diabo".

(11) Hellblazer - No primeiro arco de histórias, o protagonista Constantine vende a alma para três demônios diferentes, ocasionando uma disputa entre eles.

A.tos L.ivres de m.áquinas a.utomaticas

por Rafael Castro

Murad esperava o boot do computador e se perdia em pensamentos fúteis: sua casa, seu trabalho, dinheiro e tantas coisas amenas quanto se pode pensar em um momento tão delicado como aquele que se abria. Delicado pela falta de senso, que imperava sua mente naqueles dias. , Pois ele não era o que podemos chamar de "grande gênio", contudo, nos últimos tempos , sua mente parecia funcionar de forma mais gradual, lenta e bastante conformada. O computador carregava suas funções principais...

"Aquilo não foi justo, que merda, nada justo! Ainda mais o Abel, aquele bosta! Eu sou quem merecia isso, mas quem se deu bem foi aquele estúpido. Aposto que ele fez tudo de propósito... cada passo muito bem pensado! Um dia eu acabo derrubando café na máquina dele... Ou derrubando a máquina nele...". A tela acendia e brilhava suas muitas cores...

O computador estava ligado e Murad começou a digitar freneticamente, sem se dar conta que atrás de toda a sua concentração, de todo o seu empenho naquela tarefa, de sua infinita dedicação se escondia a mais profunda raiva por Abel. Não sabia disso até conversar com um colega...

"MENSAGEM:
Me contaram q o tal Abel criou um sistema novo, q consegue contornar os problemas do CISC um trambolho sobrenatural . falam q ele usa 1 processador indiano... o q ele desenvolve e melhor por causa disso. Sacou?"

Era a gota d`água. Nunca se sentira ferido em seu âmago daquela forma, contudo recuperou suas forças. "Não sei mais o que fazer. Será que ele tem mais acesso a informação que eu? Seria vergonhoso na empresa... Achei que tinha conseguido chegar ao máximo, mas estava enganado. Vou ser motivo de piada! Maldito Cretino Filho da puta!" Seu corpo e sua mente lhe pediram um descanso depois de duas horas digitando. Ele começou sua nova e maravilhosa busca por tecnologia na Web. O computador se conectava a muita informação e mostrava o que era mais relevante, entretanto , não era o suficiente pra Murad. Queria mais. Deixou que a máquina fizesse seu trabalho e foi dormir.

Voltava do trabalho cansado. Sentia-se sugado por forças invisíveis, enfraquecido por um turbilhão de imagens construídas sem seu consentimento. Fumava um cigarro enquanto caminhava pela cidade de vidro e fibras, sua mente estava ausente, seu corpo só pensava em ficar inerte a maior parte do tempo possível. apesar disso , continuava a fazer o caminho de casa. Diziam que ele tinha se tornado um zumbi: desde que lhe havia sido diminuída a carga de trabalho por ele não ser tão genial já não conseguia mais ter o mesmo ânimo.

Todo este período tinha sido crucial para a busca que ele mandara seu computador, de marca Iblis, fazer, ele tinha buscado informações, cruzado-as e deixou apenas um resultado da busca:

ATUALIZE SUA MÁQUINA DIARIAMENTE
"Torne sua vida mais plena de prazer...
Seu hardware atualizado
Sua vida mais útil!"

Murad não viu este anúncio, antes fez tudo o que fazia diariamente, trocou de roupa e deixou tudo arrumado para o dia seguinte... Sua mente fervilhava de emoção com a possibilidade de acesso a tudo o que era possível! Moveu o mouse na direção do botão vermelho e aceitou o download.

Processando dados.
.
..
...
Atualização completa.

O computador desligou e ligava novamente. Os contornos na tela pareciam ter tomado cores e formas mais profundas, mas não era nada tão grandioso, apenas uma sensação de estranheza frente à tela, como se a cada segundo estivessem sendo operadas mudanças dentro da máquina.

Não era com isto que ele tinha sonhado, mas já era alguma coisa. Voltou ao trabalho, digitava linhas de código e eram acusados erros na construção do programa durante esta costura de informações, isto era inovador para ele. Diminuía o tempo de teste e impedia que certos erros perturbassem o funcionamento do todo. Prosseguiu através da noite utilizando as novas mudanças e também se adaptando a elas.

Chegou a sua casa e constituiu o mesmo ritual de todos os dias até , finalmente , sentar-se em frente ao computador. "Hoje termino. Hoje é o primeiro dia de uma nova concepção de programação! De novo sou o maior..." O computador já estava ligado quando ele se sentou. Aparentava ser todo novo, a tela estava maior, o funcionamento da máquina estava muito melhor e seus cabos caiam por sobre a mesa e esta não parecia sofrer com o peso que suportava. A tela acesa brilhava de forma multicolorida jogando uma forte luz sobre os olhos de Murad e as suas mãos, impelidas num incontido teclar, suavam, contudo , o teclado parecia moldar-se a elas como se naquele momento ambos constituíssem um só ser. Sua mente estava envolta em uma forte concentração e não parecia mais haver um ódio tão poderoso que administrava suas ações, ao contrário, ele fazia naquele momento todos os seus problemas terminarem. Após algum tempo seu corpo pareceu sugado pelo trabalho e ele decidiu ver o que acontecia, a internet lhe servia sempre de conforto nestas noites. Com as novas atualizações , navegar pelo mundo das informações era tão rápido quanto pensar, e ele pensava que com aquela velocidade estaria melhor sem precisar usar de funções precárias como mouse e teclado. Algumas informações e reflexões depois o levaram a retirar o mouse do sistema. Se aquele homem percebesse melhor o que estava à volta dele , poderia ter notado a quantidade de saídas de hardware que havia atrás da máquina, mas não o fez.

Administrava apenas com o teclado a miscelânea de informações que mais o agradava: jogos, alguns fóruns sobre

programação, imagens de lugares inóspitos e alguns contos interessantes... Tudo o que podia tirar-lhe a mente, um modo de ficar mais próximo de um imenso nada, de um vazio que podia impedir qualquer reflexão chegando apenas a um esquecimento e recebimento de grandes fluxos de informação. Voltou ao trabalho. Dormiu. Seu computador continuava piscando, inclusive o logo em cima dele: Iblis. A melhor marca. O próprio protetor de tela continha este nome.

O caminho da casa de Murad parecia a ele cada dia maior, era como se o mundo repentinamente tivesse ficado muito maior ou apenas porque ele estivesse menor. Continuou com seus leves passos pelas mesmas vias de todos os dias: via pessoas, passava por lugares desertos, por lindas ruas de prédios cobertos por vidro e outras construções nas quais ele podia ver o brilho do sol refletindo sobre as fibras que formavam aquele caos. Na rua de sua casa conseguiu ver ao longe um forte brilho que vinha de seu quarto. "Deixei meu Iblis ligado. Espero que tenha sido por algum bom motivo." Prosseguiu na direção da casa, estava frio...

O Iblis processava informações e testava o programa que Murad tinha digitado no dia anterior, pensava as contradições, sentia o que funcionava e o que não podia ser consertado, se adaptava às necessidades do trabalho e ficava mais complexo ao liberar algumas configurações e fazer algumas alterações de hardware. Seus cabos já haviam tomado conta da mesa, não que esta ficasse chateada de alguma forma por isso, ela nem mesmo sentia o peso. Entretanto, até mesmo a cadeira havia sido coberta de cabos, mas acontecera uma simbiose tão perfeita que ela parecia parte do complexo que já se tornava unidade com todo o quarto.

Murad começou novamente sua digitação, porem estava difícil se adaptar ao novo sistema: ele não entendia algumas coisas, mas não entendia por não compreender a imensidão do que estava a frente dele. Iblis , por outro lado , parecia ter mais audácia ao atualizar, mais desprendimento ao apreender a realidade a que estava contido, via o frio e sabia da crueldade. Os dedos iam cada vez mais rápido, a cada instante a mente tentava vislumbrar o que acontecia, se esforçava para encaixar bem cada mudança que acontecia, se perdia e se achava numa contínua nuvem elétrica.

Chegava apressado do trabalho, sua antiga crença em um cotidiano bem planejado caíra por terra e dava lugar a uma incontrolável corrida para o quarto. Começava então a processar as informações que iam sendo dadas a ele por Iblis, novas atualizações, novos componentes de hardware, ele cruzava tudo isso e ia tentando digitar algo sobre isso. Tentando montar um sistema que possibilitasse a Iblis se comunicar melhor.

O quarto tomava naquele momento fortes tons escuros onde o cabeamento dava lugar somente a placas e monitores, que pareciam se confundir de uma forma tão monumental que criavam até mesmo desenhos por sobre a parede, modificavam a arquitetura de forma a parecer um palácio de vidro, fibra ótica, luz e informação. O homem sentado era tocado pelas teclas e respondia devidamente...

Nunca mais foi trabalhar. O que sabemos é: seu cargo havia sido dado a outro, não era Abel, mas um simpático árabe que parecia viver dos cabos e das conexões, um homem calmo, que inventara um sistema bastante eficaz que nomeou de Darum_beta com a tecnologia de Atos Livres de Máquinas Automáticas.

O Arcaico faustiano

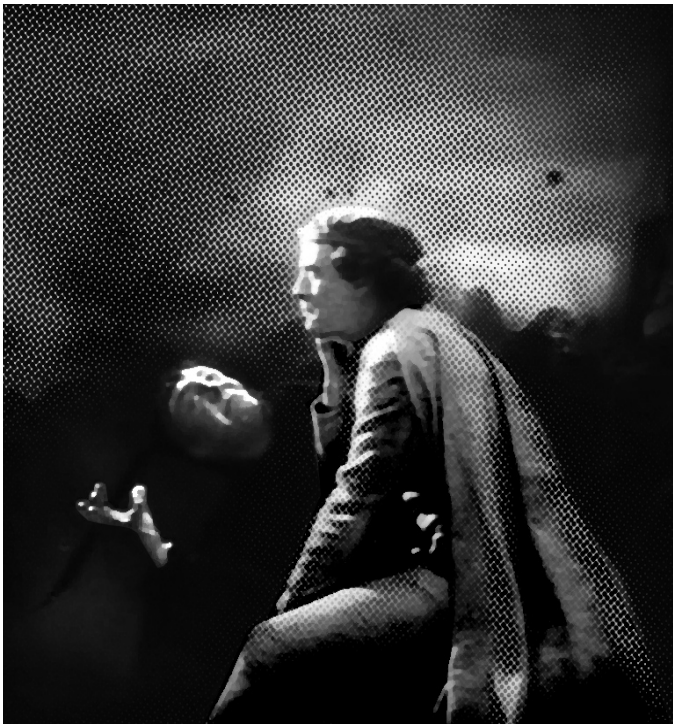
por Filipi Andrade

As duas partes da tragédia Fausto são a obra-prima de Johann Wolfgang von Goethe, e resultado de uma vida dedicada às mais variadas áreas. Sendo assim, ela contém – expostos e cifrados – os mais diversos assuntos, concepções e manifestações literárias, que geram inquietações em seus leitores e multifacetadas opiniões em seus críticos. O brevíssimo comentário abaixo se propõe apenas a sugerir uma perspectiva pouco abordada até agora.

Apesar de não ser a primeira obra na qual se encontram as aventuras de Fausto, a tragédia de Goethe foi a responsável por difusão delas no campo erudito da literatura do Ocidente e, por isso, seu enredo é conhecidíssimo; trata-se da história de um velho intelectual da Idade Média, cujo nome é homólogo ao da peça, o qual, decepcionado com a insuficiência de seu saber e a impossibilidade de ampliá-lo, lança-se no pequeno e no grande mundo ao lado do demônio Mefistófeles, com quem estabelece uma aposta: se Fausto obtiver um momento de contentamento, algo que lhe dê tanto prazer que o instigue a abandonar seu ímpeto de ação e de aspiração, fazendo-o se concentrar no momento presente e não mais no futuro, sua alma pertencerá ao inferno, devendo o protagonista se dirigir para lá imediatamente, ao lado de seu companheiro diabólico.

Após esse acordo, Fausto e Mefistófeles partem numa longuíssima jornada onde encontram de tudo. Citando apenas as mais conhecidas aventuras dessa dupla dinâmica: o doutor pactário – rejuvenescido – se envolve com a jovem e pura Gretchen, que, ao se entregar à sua paixão, vê seu irmão e mãe assassinados pela perversão de Mefisto e enlouquece, assassinando seu filho e sendo executada pela justiça imediatamente depois; Fausto, ao ter contato com um monarca de uma nação em crise econômica, inventa, com a ajuda de seu companheiro, o papel-moeda, o qual, sendo produzido sem lastro, gera caos e guerra civil, cujo fim é providenciado – às custas de muitos mortos – pela própria dupla protagonista; o doutor alemão, encantado pela figura de Helena – personagem central da Antiguidade – transporta-se para sua dimensão e, novamente movendo uma guerra, conquista sua companhia após derrotar Menelau; o colonizador Fausto, por fim, engendra uma batalha final contra o mar, ao construir uma faraônica obra de drenagem que – às custa de outros muitos operários mortos – deve servir para a construção de um espaço onde morará um novo povo, livre e ativo, como seu idealizador. E é vislumbrando a possibilidade de criar esse novo ser humano – imagem e semelhança de si mesmo – que Fausto encontra seu fim, proclamando o conhecido "Oh! pára – és tão formoso!", ima-

O impulso anelante de Fausto sempre traz consigo a destruição do objeto desejado, o que o faz direcionar seu olhar para um novo alvo, destinando também este à morte.



gem do fim de um longo desejo de movimento e de uma aspiração nunca satisfeita. Após a morte, e a despeito dos esforços de Mefistófeles, os anjos tomam posse da alma do protagonista, levando-o aos céus e à presença da Mater Gloriosa que, após o pedido da alma de Gretchen, o traz para junto de si.

Observando com certa atenção o resumo apresentado acima – o qual, apesar de sempre tendencioso, procura ser fiel às linhas gerais do texto de Goethe – duas características centrais podem ser notadas: o número quase alucinante (tornado ainda maior na mente de quem já leu a tragédia) de aventuras retratadas na obra, todas protagonizadas pela conhecida dupla dinâmica infernal; e o final trágico que encerra todas elas, por mais numerosas e variadas que sejam. De fato, olhando com mais atenção, é possível notar o quanto esses dois elementos estão indissoluvelmente ligados: o impulso anelante de Fausto sempre traz consigo a destruição do objeto desejado, o que o faz direcionar seu olhar para um novo alvo, destinando também este à morte. Para citar rapidamente um exemplo – talvez o mais conhecido –, ao desejar ter Gretchen para si, o protagonista desencadeia o extermínio de toda a família de sua amada, além de enlouquecê-la e levá-la à morte.

Afinal, o que pensar desse sujeito cujo ímpeto de realização de seu prazer simplesmente destrói o objeto amado? Nesse momento, cabe retornar à célebre cena da aposta entre Fausto e Mefistófeles, especificamente no momento em que o protagonista parece mostrar a intenção norteadora de suas aventuras:

Meu peito, da ânsia do saber curado / A dor nenhuma fugirá do mundo, / E o que a toda a humanidade é doado, / Quero gozar no próprio Eu, a fundo, / Com a alma lhe colher o vil e o mais perfeito, / Juntar-lhe a dor e o bem-estar no peito, / E, destarte, ao seu Ser ampliar meu próprio Ser, / E, com ela, afinal, também eu perecer...

[1] GOETHE, Johann Wolfgang. Fausto: uma tragédia. Primeira parte. Tradução de Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2004; p. 175.

Fausto quer a expansão do seu espírito até o todo da humanidade, fazer da totalidade o seu próprio eu. O que se nota acima é o total abandono da noção de limite – traço tipicamente fáustico –, especialmente o traçado entre sujeito e objeto. Essa fronteira – essencial para a modernidade – estabelece, basicamente, a validade da máxima "o meu direito acaba onde começa o do outro". O protagonista da tragédia de Goethe não só recusa essa noção, mas a inverte: tentar ser tudo e todos é eliminar qualquer diferença entre sujeito e objeto. E, como todo indivíduo moderno sabe, a supressão desse limite implica essencialmente em violência. E, de fato, o verdadeiro mar de sangue derramado em Fausto por culpa do impulso desejoso de seu protagonista é o reflexo desse desrespeito à alteridade. Crendo que todos são ou objetos ou instrumentos para seu gozo, o doutor pactário quer subordiná-los a si mesmo, torná-los partes sua. A conseqüência é a agressão à essência do outro, o qual, mutilado, deixa de ser o que era antes, tornado mero semi-ser. E, nesse momento, a maldição de Fausto recai sobre ele mesmo: se o objeto é destruído, ele não pode mais satisfazê-lo. Assim se explicam as mudanças incessantes de alvos de seus desejos.

Uma significativa objeção pode ser feita ao que se disse até aqui: o protagonista aparenta ser alguém com boas intenções, dotado de amor e de angústia. Sobre isso, deve ser apontada a ligação entre Mefisto e Fausto, onipresente em todas as ações retratadas na tragédia. O "servo" do doutor, apesar do desejo de morte e vazio, nunca abandona seu mestre, sendo o responsável pela aplicação de seus planos. Como alguém pode delegar tarefas construtivas importantíssimas a alguém cujo propósito é sempre a destruição de tudo que toca? Esse paradoxo aparente é um dos pontos mais provocativos e esclarecedores da tragédia de Goethe: Mefistófeles e Fausto devem ser vistos como uma dupla, e não como dois indivíduos isolados. Afinal, nenhuma das ações da peça teria existido sem a participação de ambos. O companheiro do protagonista acaba servindo, então, como uma espécie de "duplo carnavalizado" do pactário, alguém cuja natureza é o contrário da de Fausto, mas que é, em essência, este mesmo, com a diferença de poder revelar os problemas e catástrofes causados pela aspiração fáustica. O desejo de destruição e de vazio, tão presente em Mefisto, nada mais é do que o sentimento resultante do desejo de submeter o outro a si mesmo, tão típico de Fausto.

Após esses apontamentos, resta a questão: mas como uma obra conhecida como a "Ilíada da Modernidade" pode apresentar personagens sob o regime da supressão dos limites entre sujeito e objeto, naturalmente arcaico? A resposta talvez se encontre no contexto em que Goethe se insere, o alemão. A nação alemã, periférica durante toda a vida do autor de Fausto, o tempo todo tinha de se confrontar com "o atraso que lhe é peculiar ao avanço de novas idéias e novas formas sociais, num universo que lhe é mais contíguo, do qual ela finalmente participa, em posição deslocada" . Assim, no momento de exaltação da Modernidade, dos limites entre sujeito e objeto, Goethe aponta os problemas de que sua nação – sequer unificada na época – é constituída, uma fratura de idéias fora do lugar, modernas num ambiente ainda com características arcaicas.

[2] PASTA JÚNIOR, José Antônio. "Brecht e o Brasil: afinidades eletivas", In: Pandaemonium Germanicum. n.4, 2000; p. 24.



Lucas não lembra da infância

por Carolina Betereli

Parte 2- Do demônio e outras maldades

"Jonathan
se resolvermos que o céu
é este lugar onde ninguém nos ouve,
quem poderá salvar-nos?"
- Adélia Prado, O Encontro

- Eu sei que hoje não é um bom dia, mas eu só queria te falar que não foi por minha culpa a morte de seu avô – disse o demônio após tirar os óculos do rosto.

Cecília estava sentada com as pernas pendendo no píer do lago após o enterro do avô. E desta vez tinha a certeza de que só podia ser um engenho místico. Ah, pois era um lago. Que há de necessitar de uma plataforma? Aquele local era uma mentira. Porque, antes de morrer, o avô não contara toda a verdade a ela? Sobre a plataforma, sobre o demônio, sobre o futuro? Porque, se a amava tanto, como filha? Se pelo menos ela estivesse lá, de corpo presente, na hora fatídica.

Se pulasse, as profundezas. Já era tarde. O frio, ao lado dele, era sempre inebriante.

Ele a olhava. Ela tinha medo de olhar. Tinha medo dos olhos. Tinha olhos que davam medo.

- Sempre fui bom com ele, pois ele me deu você – disse ainda olhando, parecia não piscar, e não piscar é algo igualmente místico.

Ela vestia preto. Ela detestava vestir preto, achava cor feia, sem graça nenhuma, achava que nem era cor. Nublava e era quase noite.

O píer era curto, não parecia velho, cinco passos grandes e completava-se.

- Está bem – ele completou, ergueu-se sem tocá-la e deu cinco passos para trás.

Cecília virou-se para observar a partida do homem. Nunca o tinha visto desaparecer, nunca tinha esperado pra ver seu risível corpo virar fumaça assim como acontecia em histórias de monstros, gênios e fantasmas que, durante toda a vida, lera na biblioteca do avô. Pensava agora nele, o avô, desaparecendo aos poucos dentro de sua cova e imaginava para ele um destino muito melhor, como o homem de olhos vidrados que desapareceria em poucos instantes, em segundos, talvez quando descesse os degraus. Cecília esperava aflita.

Mas ele desceu os degraus do pier. E prosseguiu andando para o desconforto de Cecília.

O homem tinha as mãos dentro dos bolsos, mas Cecília sabia que eram mãos como as dela, um pouco maiores, mais brancas, com algumas veias saltadas (mas não como as do avô de pele finíssima e veias a mostra, a ponto de ver um conteúdo verde que era o sangue). Era jovem, porém mais velho. Parecia estrangeiro, mas estrangeiro do mundo. Falava sua lingua como um nativo, mas sua voz era superior, como um santo. Seria possível, se tocado, ele desmanchar? Se o abraçasse, ele viraria pó? Pois sentia incomensurável vontade de jogar-se nos braços de alguém, e seria melhor que este alguém fosse algo assim efêmero, sobre-humano, infinito. Ela queria chamar seu nome. Mas que nome? Ele prosseguia andando e já alcançava a mata quando Cecília quis perguntar (mas não o faria) onde ele ia, se poderia ir junto, se a levaria para longe dos olhares piedosos, carnívoros, malévolos dos vizinhos, para longe de sua família maternal, do seu lar quente, para longe de Lucas e de toda dúvida. Para longe do lugar comum, para o mundo do extraordinário.

- Vou para o diabo, Maria Cecília – ele respondeu com um possível sorriso, lançando um dos braços para cima, como se fosse se erguer por uma corda vinda das nuvens pouco antes de adentrar o grosso matagal.

Cecília, sem notar, lançou-se para frente e caiu no infinito do lago.

. . .

"Mas, a propósito, onde foi que você conseguiu este trailer?", lembrava João de Malinácio perguntar de saída, naquele último dia em que o viu. Agora ele estava morto. E da última maneira que um dia João havia imaginado a morte: de velhice. Ou de doença de velhice.

Dirigia seu trailer em direção ao nada. Uma voz abafada saia do toca fitas. "Yo no sé si es prohibido, si no tiene perdón, si me lleva al abismo, solo sé que es amor". À frente, apenas o horizonte de secura. E Cecília apagada no sofá logo atrás, com um braço pendendo pra fora. Se olhasse um desatento, pensava que a moça tinha partido de vez do oco pro ocão.

João sonhava o solto. Ao longo dos muitos anos assimilara com facilidade objetos nunca dantes vistos ou manuseados. Como o trailer. O toca-fitas. As armas. As luvas que

uma vez encaixadas, nunca mais poderiam ser despidas. Desentendia do tempo. O álcool deletara velhas memórias, mas sobraram algumas. João sonhava o resto.

Era mais bonita, a espanhola. Certeiramente: cheia de corpo, muito cabelo caindo no colo, aos cachos. Aquela visita à casa grande foi a cavalo. Homem a pé, os Gerais comem. Os negros acenaram dizendo adeus-sinhá. Mas essa história começava no muito antes, nas cartas que trocava com ela, no assassinato do sinhô seu pai e na alforria dos negros, pouco após a fuga de João com a moça rumo ao nada. Como fazia agora com a mocinha morena desfalecida, com apenas três notas diferenciais: não amar Cecília, não estar a cavalo e e estar dois séculos a frente daquela época.

As coisas guardadas em baús do passado são sempre assim, imundas de tristeza e mágoa? O demônio, quando nos acorrenta, guarda também nossa idade e nos poupa de rugas, mas não da dor. Se um dia se julgara valoroso e forte, hoje se achava transfigurado em um diminuto fruto seco.

Olhou pra sua direita. Ainda nada. Só o deserto de sol de meio-dia, que não se punha. O velho inferno. João chegaria num lugar que chamavam de São Vicente, mas na placa estava escrito Lon Chaney. Tinha uma varanda que rangia, com vista pro céu repintado. As nuvens nunca se moveram.

Cheirava à coisa molhada, embora não houvesse mais água que cachaça na bodega. Cheirava também a mulher sem banho e a fome, aquele ar que vem de dentro de estômago vazio. Arqueou as costas pra trás e, como que de assalto, cheirou Cecília. Pensou que tinha aroma de açúcar, de engenho de cana, de madeira e sol. Parecia sim morta, mas não era feia. Tinha no cabelo um avermelhado, vermelho, era meio castanha, se fosse cavalo iam chamar de pardo. A pele também era queimada e teve vontade de olhar nas partes cobertas pra garantir que era branca, tinha que ser branca, branca que nem as mulheres devem ser. Não fez. Vigiou a estrada e ela continuava reta. Não lembrava a cor dos olhos dela, também não queria levantar as pálpebras pra ver. Mediu a respiração encostando seu pulso no pescoço. O coração batia feito febre. Tinha os joelhos secos arranhados cobertos de sangue e terra. Maria Cecília Mendes de Campos Sabará. Quanto nome. Malinácio é um besta, mesmo.

Desenhou pra dentro um pensamento sobre ser mau. E jogou fora. Lon Chaney: lá dentro, a corja. Como o Bordel de São João das Altas. Só que piorado. Tudo turvo, de febre, de estupor. Os homens todos usavam aquelas mesmas luvas alvas, sabe-se lá como se mantinham assim, limpas. Cada qual com sua matadeira. As mulheres eles traziam de fora, roubadas. Tomavam de esposa ou largavam. A música era constante. E variante: rumbas, chanchadas, danças de roda, e o tango. Fato é que estava, toda aquela gente, lá parada. Fato é que as memórias se deitavam. Bebiam e muito. Se largavam nas mesinhas de jogo, nos balcões, nos quartos das moças. Quando dormiam, sonhavam horrores imateriais.

A estrada que percorreria diversas vezes sem notar transmutação alguma chamavam de Liso. Liso pois assim era mesmo: tudo liso, como um deserto sem dunas nem areia. Plano e monocromático, de terra seca, até perder de vista, apenas algumas gramíneas, ervas ralas, plantas rasteiras espinhudas. Do resto que havia visto ele não lembrava ou desacreditava. Era para ser apenas um lugar de passagem. Como uma ponte para se deixar um lugar e chegar a outro, atravessando ileso um grande rio de tormenta ou um abismo de interior crepitante. A grande desventura do Liso, porém, era encontrar o outro. Não era uma ponte, como indicado. Era um labirinto.

Não havia outro lugar. Quantos homens morreram de secura de sol sem nem sequer dar de cara com Lon Chaney, quem dirá o outro lado, a vida de glória e riqueza que os trouxera pra lá, a promessa que os aprisionara naquele purgatório de descrença, maldade, solidão. Quando encontrou o trailer, João saiu em busca do outro. Andava em círculos. Ou em cubos. Mas a jornada sempre começava e terminava em Lon Chaney. A segunda missão que se auto incubiu foi encontrar homens perdidos na estrada, a beira da morte. Mesmo que estivessem no território do initeligível, ainda assim eram homens e precisavam de beber. Homens como João era, antes. Assim salvou Odorico. E Zé da Beira. Pegou também Malarmedes. E Chico Otávio. Por último, salvou Gabriel, que por achar nome muito santo pra aquele tipo de banda, nomeou Gael e lhe deu uma espingarda. Daí pra frente a história não é mais boa de se contar.

De Cecília? Vamos ver a frente. Quando se vive – ou se deixa de viver – séculos, algumas vidas parcas não fazem grande sentido. Além do mais, aqueles olhos vidrados que ultrapassam em terror qualquer sentimento de desterro vão segui-la até a morte e depois dela. Ele vem.

Se vem.

João sentiu algo gelado na região do estômago. Uma faca de cozinha, dessas de cabo de madeira, com pequenos dentes dilacerantes, úteis para cortar bifes e separar carnes de ossos, estava a invadir-lhe as entranhas. Incessantemente. Em incontáveis punhaladas, o sangue já jorrava sobre o freio de mão que João havia empunhado.

E nestas horas os homens vivos ou mortos se enchem de pessimismo.

Cecília escapulia e corria em disparada, aos tropeços. João desceu atrás, também aos tropeços, tentando resguardar seu sangue e o restante fazendo conchas com as mãos. As luvas brancas de João encharcadas de vermelho púrpuro.

Sem sinal de vida a sua frente, ela não via lógica em gritar por socorro. Não sabia onde estava. Mas com certeza não era Vila Inconfidência. Nem Pedra Branca. Seu maxilar latejava: havia levado um soco na cara? João calculava números inconstantes enquanto escorregava adiante o corpo em direção à Cecília, que corria na ânsia. Ia perdê-la, no estrito de suas idéias. Já sentia o mole e o vazio quando tomou a decisão das mais drásticas.

Cecília parou num tranco e caiu pra frente. Por instinto, as mãos foram primeiro. O tombo fez subir a terra parda, fazendo fumaça em volta. Virou-se pra trás, a meios olhos: uma poça de sangue começava a se formar, partindo do núcleo de seu ventre. Segurou a faca que furtara da cozinha na manhã passada e instalara dentro do tênis o quanto suportou. Quando sua mão tesa finalmente a soltou, já não tinha mais certeza quanto a manhã passada.

. . .

Quando chegou a manhã, tudo cheirava a manga. E eu praticava silogismos debruçado no volante do carro.

No banco de trás, Manoela dormia, com a cabeça sobre Renato, que dormia, com a cabeça jogada pra trás. O sol entrando era como uma manhã qualquer, como todas as manhãs, a sensação do café quente, da voz da minha mãe, ou da voz da mãe de Cecília, ou a voz de qualquer mulher somada aos pássaros, e aos bules e a porta da fazenda abrindo e fechando e o raspar de sapatos no alpendre, para livrar da terra, a terra úmida e fria de qualquer manhã. Mas.

Aquele cheiro de manga. Como se melasse minha memória, focando um só espaço, um que Cecília, no alto dos altos da mais alta mangueira, sentada perigosamente num vão de tronco, descascava com uma faquinha sem ponta e sem fio, mas cheia de dentes, a manga mais alta dos altos da mangueira mais alta. Numa manhã qualquer, seus braços amarelos, seu rosto amarelo, um suco amarelo escorrendo pela camisa. E éramos jovens nesta manhã qualquer empapada de manga.

Naquela manhã, presos no redemoinho, Cecília era ausência.

Cecília é um impulso. No dia da morte de seu avô, todos temeram avisar por telefone. Ela na época estudava em Belo Horizonte e só aparecia na cidade em férias de verão e inverno, com sorte em algum feriado longo. Fui eu e meu pai, buscamos. Ele falou primeiramente. Ela dividia apartamento com uma colega chamada Elen, que levou a mão a boca e começou a chorar. Ceci entrou no quarto e começou a enfiar coisas na mochila, correu o zíper, e ficou parada na beira porta. "Vão me levar ou o que?". O avô tinha morrido afogado, ou de friagem. Foi encontrado dentro do lago, logo depois de uma chuva forte das de vento, depois de umas horas fatais de desaparecimento. Revelamos estes e outros detalhes dentro do carro. Daí pra frente ela foi só ausência.

Ficou dias sem comer, permaneceu rígida no velório, nem um sorriso minguado que fosse, se abraçada não dava de volta. Não soltou lágrima nem remela. No enterro, ela dura, ficou de pé, mas na saída amoleceu as pernas num quase desmaio. Voltou. Não queria conversa, não queria café, não olhava fundo os olhos de ninguém. Foi que sumiu, e isso já era esperado. Desatamos a procurar, ela boiava no lago gelado de fim de

tarde. Nem morta, nem nada, de olhos abertos fitava o céu. Um céu branco em camadas.

Armaram uma novena. Minha avó até veio do sítio de Santo Antônio do Quebranzol pra ficar os nove dias em reza. Juntaram mulheres pra demais: "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Todo-Poderoso descansará."

O que se seguiu foi que, pra minha graça, Cecília não voltou a Belo Horizonte. Permanência, como na infância. Passou uns tempos misteriosa. Eu achava até bonito aquilo. Gostava. Imaginava segredos insondáveis, saborosos e infindos. Ceci penseira.

Mas eu podia ficar dias sem dormir, andando pro lado e pro outro, assim mesmo as coisas são mais fortes que eu e elas acontecem quando estou desatento, quando passo pelo lugar errado, quando desejo em vão.

O fato é que sair dali eu não estava conseguindo. Já havia dado incontáveis voltas, feito o mesmo caminho incontáveis vezes e tudo estava repetindo. Repetindo por tanto tempo, que a cabeça de Manoela parou de sangrar. Sobrava só uma mancha marrom no banco de trás, e na camisa de Renato, no corpo todo, corpo que não desgrudava nenhum momento do corpo amortalhado da moça.

Ela ainda usava o mesmo vestido.

Debruçado no volante do carro, senti entrar um vento trazedor advindo do caminho contrário ao que levava à fazenda, as mães e as tias preocupadas que deviam estar, aquelas que por mais que quisesse não conseguia alcançar. A estrada pela qual Cecília havia sido arrastada levava a Vila Inconfidência, depois Pedra Branca. Depois, o resto.

Coisa nenhuma que são as laranjas lá fora. No caminho do inverso, descubro novos nomes pra coisas que já conheço há muito tempo. Laranjal, mel de alecrim, que tamanho.

Três lampejos sobre sete vidas alternativas

por Diogo Nogueira

Das lamentáveis histórias que se seguiram ao anDas lamentáveis histórias que se seguiram ao ano de 2012 poucas são as que se tem vontade de contar hoje em dia. Todos se lembram do surgimento das novas organizações políticas, dos novos países, da descida dos deuses de todos os panteões, das guerras entre o racional e o ultraracional. E como se esquecer daquele pequeno país emergente, de terras mágicas. Cenário dessa nossa triste história onde começou a lenda dos sete príncipes, os grandes governantes da nova era.

Existe a história que todos conhecem: um rei e uma rainha tiveram heptagêmeos, um fato que por si só já era algo incrível. Em meio a um mundo de caos todos os outros países tinham um tremendo ódio da cidade enfeitiçada. Lá era o único lugar onde os homens podiam conhecer o mítico, a magia e quem sabe: encontrar os Deuses. Fora de lá pactos e alianças foram feitos. Alguns desses tiveram preços altos, com pessoas facilmente confundíveis por demônios, tudo pela ganância ou pelo ódio.

Sete anos depois do nascimento dos príncipes houve o golpe e a traição dos aliados e exércitos invadiam o reino. Tais episódios foram agravados com a doença e boatos da morte das sete crianças. A esperança se esvaía de todo o povo..

Uma noite depois, no entanto, tudo mudou. Os exércitos inimigos foram massacrados por uma força desconhecida e, mais tarde, os sete príncipes foram aplaudidos pelo povo, vivos e saudáveis, entre o rei e a rainha.

Este foi o prelúdio dos novos tempos, e o que se seguiu foram anos duros de reestruturação, novas guerras, milhares de mortes, diversas vitórias em busca de dias felizes; os príncipes, que se tornaram reis, ministros ou presidentes, foram perecendo um a um… mas esta é outra história.

A história que realmente vale a pena contar, e que poucos sabem, tem como início uma Rainha sem esperanças e como fim uma Princesa sem alma. Estas páginas do destino foram o que ganhamos em troca da nossa aposta. De qualquer forma, podemos dizer que ganhamos.

Lúcia não sabia o que fazer, acabara de sair do quarto dos filhos. Há pouco voltara do hospital sem nenhuma resposta ou solução, os magos também não tinham conselhos e seus filhos aos poucos deixavam esse mundo. Olhou para a enfermeira pálida na cabeceira da cama e seguiu em frente. Quem sabe ainda tinham uma chance.

Julia acordou coberta pela escuridão. Imaginou ainda estar caída naquele beco escuro onde tinha sido espancada, mas estava enganada. Levantou-se sem sentir nenhuma dor em seu corpo, procurando algum lugar para onde ir, viu ao longe uma luz alaranjada. Não sabia como teria se salvado.

A rainha não conseguia dormir, deitada ao lado do rei, sua mente não parava de pensar na discussão que acabaram de ter. O rei foi totalmente contra a sua idéia; até mesmo ela achava que era ir longe demais. Mesmo assim não conseguia ver seus filhos daquela forma e não tentar curá-los de algum jeito. Levantou de um susto, sentindo o frio percorrer sua espinha. Correu até o quarto dos filhos. Ao chegar, foi em direção a cama mais próxima, levando a mão sobre a fronte da criança, depois ao pescoço, e por último à sua própria boca segurando o grito de horror. Repetiu o gesto indo de cama em cama, com as lágrimas escorrendo do seu rosto. Três, quatro, cinco, seis e nada, todos mortos. chegou ao lado da cabeceira de Julia, que se moveu violentamente. Lúcia a segurou, sentindo-a tão fria quanto seus irmãos, com os olhos arregalados suspirava e, reconhecendo sua mãe, não conseguiu dizer uma palavra de adeus.

Agora nada podia conter seu grito que viajou rápido e dolorosamente por entre os cômodos da grande casa, chegando ao ouvido tanto do seu marido, como também aos quartos dos empregados, que se levantaram assustados sem saber o que havia ocorrido.

O rei segurou sua esposa que ainda gritava desesperada. À suas costas todos assistiam angustiados, enquanto a enfermeira, que só agora aparecera, conferia a pulsação das crianças, já sem esperanças.

Lúcia foi levada daquele quarto pelo seu marido. Limpava suas lágrimas e segurava o choro, sua respiração era cortada por soluços enquanto o marido, tão abatido quanto ela, tentava consolá-la.

Não temos outra escolha, devemos fazer o ritual... é o único jeito! — disse ao marido, decidida, mas ele ainda contestou.

Não devemos ser precipitados, não sabemos o que pode acontecer caso cheguemos aos pés dos deuses, eles podem nos fazer prisioneiros ou acabar conosco! — O rei tentou chamar a razão da rainha, que, desolada, não queria escutar a ninguém.

Decidiram ir ao encontro do sábio que lhes concedeu o amuleto para saber como proceder no dia seguinte diante dos deuses. E, depois de decidido isso, o próprio rei se comprometeu de ir buscar as almas dos filhos, porém nem isso acalmou a rainha, que permaneceu acordada esperando o dia chegar.

. . .

Não sabia como tinha chegado ali, nem sabia como ou porquê de estarem todos a esperá-la. O mais estranho era vê-los tão jovens, no mínimo trinta anos mais jovens. Foi então que percebeu que ela mesma não carregava a idade que tinha na noite anterior. O dia em que o reinado dos sete irmãos tinha sido traído.

Após ter atravessado o túnel em direção a luz alaranjada, encontrou-os, seus seis irmãos, estavam todos sentados diante de três grandes estatuas cobertas de musgo.

Foi se aproximando, e seu assombro foi enorme quando notou as supostas estátuas se moverem.

Onde estamos? — Foi o que perguntou a seus irmãos logo que foi convidada a sentar pelas grandes figuras, mas eles também esperavam respostas.

Então as três se apresentaram. Eram elas as Regentes do Destino: Verdåndi, a necessidade; Skuld, o ser; Urd, o destino. E aquele belo lugar iluminado pela luz do sol poente, com arcadas cobertas pela relva e grama pelo chão era a casa das deusas menores.

As deusas falavam juntas, suas vozes se complementavam, ecoando pela grande sala. Mesmo sentadas como estavam, passavam dos 3 metros de altura.

Temerosos, eles buscavam respostas: o que tinha acontecido e porque estavam ali? As deusas sorriram, e disseram apenas: *Finalmente morreram, por isso estão aqui.*

Elas então se levantaram indo em direção a uma grande janela. Skuld abriu o céu e dessa fenda Urd retirou o corpo de uma mulher, restando a Verdandi fechar o buraco aberto. Voltaram a seus lugares deixando a frente dos príncipes o corpo de Lúcia.

Assim que reconheceram o corpo, todos a rodearam. Incompreensão, dor, saudade, tristeza: não sabiam o que sentir diante da face pálida e doce da mãe. Julia viu seus três irmãos chorarem, como a muito não faziam, naquele momento não havia mais brigas, remorso, ódio ou inveja entre os sete. E foi assim que os três rapazes viram suas quatro irmãs se olharem, suas faces se contorcerem, a respiração aumentar, deixando-se cair uma aos braços das outras. Este era luto que guardavam há quase trinta anos.

Vocês são a causa e o resultado de uma aposta, e hoje o vencedor levará o prêmio para casa; suas almas, suas vidas, seus destinos ou simplesmente a inexistência de vocês será aqui decidida. As vozes das deusas os tiraram do fundo de suas tristezas. Lembrando-os das dúvidas, que agora se multiplicavam.

. . .

Lúcia corria pelos corredores úmidos, a rota de fuga. Seu marido a fez prometer que não pararia. Deixando-o para trás, sabia que o rei não conseguiria se salvar, os traidores já arrombavam a sua porta da frente, e seu marido ficou para que ela tivesse tempo de fugir. Tudo desmoronava, não havia mais futuro. Só lhe restava o sacrifício. Seguia em frente sem saber por quê.

O fim do túnel era o parque. À noite e as enormes árvores a protegiam. O amuleto cabia na palma de sua mão, os corvos de Odin. Partiu-os ao meio, deixando cair no chão de terra um liquido dourado. Este se transformou em um objeto meio punhal, meio chave. A Rainha o agarrou cravando-o ao peito.

Desejou apenas que seu destino fosse diferente.

E agora estava ali, ajoelhada diante daquelas três figuras. Apresentou-se as deusas e, quando começou a contar sua história, as três vozes ecoaram juntas, calando-a, temerosa. Sabia que era um privilégio ter chego até ali, mas até aquele momento, desconhecia que as deusas, nunca aceitaram a um pedido dos mortais.

Sabemos o porquê de estar aqui, porém perde seu tempo vindo até nós. Sinto, mas as almas de seus filhos não pertencem a nós e, sendo assim, não temos

o poder de trazê-los à vida! — havia apenas o desdém em suas palavras.

Devia se orgulhar das belas páginas de destino escritas para a sua vida. São magníficas: recheada de dores, alegrias, vulcões de sentimentos — as deusas que teciam o destino se sentiam ultrajadas por terem seus caminhos contestados, todos queriam o mais fácil, mas Elas se divertiam vendo o sofrimento cobrir a alegria e vice-versa.

Enquanto tentava não fraquejar diante das regentes, estas se regozijavam por terem criado uma alma tão sofrida e magnífica. Desejaram em segredo possuí-la em reconhecimento a beleza de seus poderes.

"Privilegiada" tais palavras acordaram o ódio de Lúcia. Sua face, ainda úmida, deixava a desesperança, se enchendo de coragem. Não podia voltar.

Se sentissem toda a tristeza de minha alma, não suportariam — gritou a rainha.

Ela suplicou pela vida de seus filhos, argumentando que eram apenas crianças, tinham uma vida pela frente. Vidas que poderiam tornar magníficas.

Quem sabe quantas mudanças eles fariam em nossas vidas, quantas alegrias, quem sabe até poderiam salvar nosso povo! — as palavras da rainha tiraram pela segunda vez o sorriso das deusas. Contestadas...

Nós sabemos, mortal! Eles não tinham um futuro, a não ser este que encontraram! Não existe para eles caminho algum. Estavam doentes e, em seguida, envenenados. Um belo fim. Não, eles não tinham futuro, mas quem sabe... você salvasse seu povo!

Lúcia era apenas ódio e gritava em protesto negando tais palavras. Envenenados. Caiu de joelhos, o ar lhe faltou aos pulmões. As palavras das deusas transpassavam seu cérebro como agulhas. O trio se surpreendia diante do espetáculo de vida á seus pés, felizes com toda a cena criada, porém ultrajadas por não terem sua obra reconhecida.

Eu imploro, faço o que for preciso, daria minha vida pelos meus filhos... — tentou a mãe pela ultima vez. Tentava achar um modo de conseguir o que queria.

. . .

Não há porque não acrescentar que as deusas hesitaram... ou melhor, nós hesitamos. Fomos mordidas pelo desejo e curiosidade. Vimos algo incomum nela. Estávamos dispostas a infringir algumas regras para obtê-la. Por isso, aceitamos quando, em seguida, a rainha propôs aquela insolente aposta.

"Se devolverem a vida a meus filhos e eles fracassarem, pode ficar com minha alma. Porém, se eles fizerem de suas vidas algo que as senhoras nunca imaginariam, a minha vida volta a ser como antes de sermos traídos... sem a morte das crianças e sem nunca termos essa conversa..."

Foi o que desejou a rainha, escolhendo cuidadosamente as palavras, tentava passar confiança em sua voz que fraquejava ao falar dos filhos.

. . .

As deusas se olharam, e ficaram pensando. Sorriram e finalmente quebraram o silêncio. Lúcia ouviu ecoar pela sala as três regentes, que aceitaram seu pedido.

Agora fique de pé e daremos a vida a seus filhos — estas foram as ultimas palavras que a mãe ouviu.

E então Skuld rasgou o peito de Lúcia, Urd puxou de lá sua alma, restando a Verdandi dividir a alma em sete pedaços. Não podiam trazer a alma das sete de volta, aquele era o único jeito, viveriam suas vidas e, se conseguissem vencer, as deusas mudariam a linha do destino. Mas, no momento só acrescentariam mais algumas.

. . .

Julia pensava nas suas últimas horas de vida, tentando entender. Lembrou-se de como se sentia naquela manhã. Não conseguiu dormir pensando na morte de dois de seus irmãos no dia anterior. Via a cidade pela sua janela, em seus quase cinqüenta anos de vida fizeram coisas que nenhum outro fez. Salvaram vidas e terras. Mesmo assim, não conseguia tirar o gosto do fracasso da garganta, sentia a dor em seu peito duplicada. O Vazio, que sempre lhe acompanhou, doía agora mais profundo do que nunca.

Era aniversário de morte da sua mãe e, como sempre naquele dia, os sete se reuniam na "Parada da Liberdade": fariam um pronunciamento e assistiriam o desfile.

Sabia que havia algo errado: a morte dos irmãos foi um sinal. Mesmo assim, não podiam faltar. Este ano seriam apenas cinco no feriado de homenagem.

Com a segurança triplicada, a parada chegava ao fim e eles fariam o pronunciamento. Até agora não conseguia sequer imaginar como a confusão se iniciou. Em meio ao discurso dos cinco, o caos tomou conta, tudo conspirando para a separação dos irmãos.

Quando voltou a si estava ferida, após outra explosão, procurou os irmãos, viu Diana ao chão, gravemente ferida, Ediceu usava sua força contra o exército inimigo, as duas últimas fugiam sozinhas.

Não sabia ao certo o quanto correu para longe daquela baderna carregando sua irmã nas costas, com suas forças se esvaindo, não demorou muito para o grupo de traidores a alcançarem, encurralando-a em um beco. Ali mesmo a espancaram até perder os sentidos. Diana já devia estar morta há muito tempo, assim como seus outros irmãos.

Seu último desejo foi que seu destino pudesse ser diferente.

Voltando ao presente, viu as deusas abrirem o peito de cada um de seus irmãos, retirando-lhes as almas. Tentaram lutar no início, mas suas forças e poderes não existiam ali. Era inútil.

Nós fracassamos... Foi tudo em vão, tudo que fizemos vai ser apagado, ou quem sabe, nossa realidade nem existiu de fato — pensou ela, enquanto caia ao chão o corpo de Ediceu.

Existirão, em outro lugar — Foram essas as últimas palavras que ouviu.

As deusas retiravam o último pedaço que faltava do corpo de Julia, reconstruindo a alma de Lúcia. Havia agora sete corpos sem alma, ao chão, que nunca saberiam quem ganhou a aposta de suas vidas.

Verdandi pendurou um grande pergaminho em uma das paredes e pontuou a última frase.

Skuld sorriu, Urd deixou uma lágrima rolar.

Foi Maravilhoso! ecoaram as três vozes.

¿Le gusta este jardín ?

Brevíssimo ensaio sobre a temática faústica em À Sombra do Vulcão, de Malcom Lowry

por Carolina Betereli

"Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos" diz o demônio a Deus em "A Igreja do Diabo", de Machado de Assis. A figura de Fausto de Goethe serve de inspiração a obras posteriores e a imagem do pacto faustico é retomada em outras mais. Entre tantos Faustos, e outros tantos homens fáusticos, é possível enxergar Geofrey Firmin, o errante protagonista de À Sombra do Vulcão, como uma espécie de Fausto às avessas.

Malcolm Lowry, escritor inglês admirador de Joyce e Eliot, vive a Europa das décadas 1920 e 1930, um Europa entre guerras em que a temática da decadência de valores do século XX está em voga. Assim como Joyce, concebe uma narrativa cercada de mitos e símbolos, mas subverte-a, fazendo de seu protagonista o próprio "cosmo", personificação da neurose de seu tempo e reflexo do próprio Lowry.

A história se passa numa pequena cidade do México durante a Festa dos Mortos. Geofrey Firmin, o Cônsul britânico em Quauhnáhuac, abandonado pela esposa Yvonne, espera a morte chegar enquanto seu irmão Hugh procura curá-lo do alcoolismo. O herói que se nega a ação – talvez um anti-herói moderno ou apenas um romântico – flerta com o inferno diversas vezes, seja em sua constante embriaguez, seja em momentos de lúcida sobriedade. Um dos exemplos mais sólidos da simbologia aplicada por Lowry durante a narrativa está na visita do Cônsul à casa de seu amigo de infância M. Laurelle: é na Rua Calle del Fuego, 666 que, do miradouro, ele avista "cerca de 300 cabeças de gado mortas, congeladas nas posturas dos vivos". A frase "no se puede vivir sin amar" está inscrita na fachada da casa, frase que guia suas escolhas e prenuncia sua morte.

Mas não é apenas nas evocações do Dante ou Marlowe (o próprio Laurelle no início do livro reencontra o livro de peças elisabetanas que o Consul havia emprestado e lê passagens de Fausto para si mesmo) que se encontra a temática faústica ironicamente invertida. O Cônsul assume a postura do homem de cultura refinada (sua casa é coberta por livros de toda espécie, inclusive de ocultismo) isolado pelo alcolismo, envolto em relações que o excluem e cujo resultado de suas escolhas ambivalentes e contraditórias estão fadadas ao fracasso. Temos a constante impressão que um desejo de ação poderia por fim ao sofrimento do Consul e entregá-lo aos braços de Yvonne - que retorna na esperança de resgatar o amado - e fazê-los encontrar o Paradiso. O Cônsul, ao contrário, rejeita o amor para

"Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos" diz o demônio a Deus em "A Igreja do Diabo", de Machado de Assis. A figura de Fausto de Goethe serve de inspiração a obras posteriores e a imagem do pacto faustico é retomada em outras mais. Entre tantos Faustos, e outros tantos homens fáusticos, é possível enxergar Geofrey Firmin, o errante protagonista de À Sombra do Vulcão, como uma espécie de Fausto às avessas.

Malcolm Lowry, escritor inglês admirador de Joyce e Eliot, vive a Europa das décadas 1920 e 1930, um Europa entre guerras em que a temática da decadência de valores do século XX está em voga. Assim como Joyce, concebe uma narrativa cercada de mitos e símbolos, mas subverte-a, fazendo de seu protagonista o próprio "cosmo", personificação da neurose de seu tempo e reflexo do próprio Lowry.

A história se passa numa pequena cidade do México durante a Festa dos Mortos. Geofrey Firmin, o Cônsul britânico em Quauhnáhuac, abandonado pela esposa Yvonne, espera a morte chegar enquanto seu irmão Hugh procura



A Sombra do Vulcão
Malcolm Lowry
Tradução de Leonardo Froes
Editora L&PM
392 páginas

Veja também:

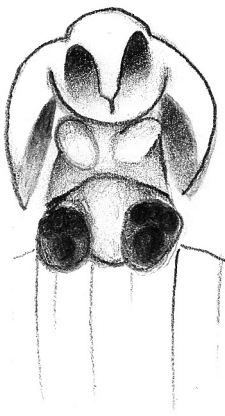


À Sombra do Vulcão foi adaptado para o cinema por John Huston, em 1984. O filme de título homônimo traz no elenco Albert Finney e Jacqueline Bisset, recebendo duas indicações ao Oscar (entre elas a de melhor ator para Albert Finney) e 2 indicações ao Globo de Ouro.

* O termo "pelado" é explicado com sarcásmo durante a narrativa. É usada para identificar um espanhol que migra para o México após a guerra do Marrocos, mas também pode ser aplicada a qualquer pessoa que, não sendo necessariamente rica, explora os realmente pobres.

A lebre que queria voar

por Joyce Nicioli



Todas as lebres são muito parecidas, com seus grandes dentes e orelhas cumpridas. A dessa história não é diferente: é muito dócil e têm pêlos castanhos, mas queria voar, um desejo mais que estranho!

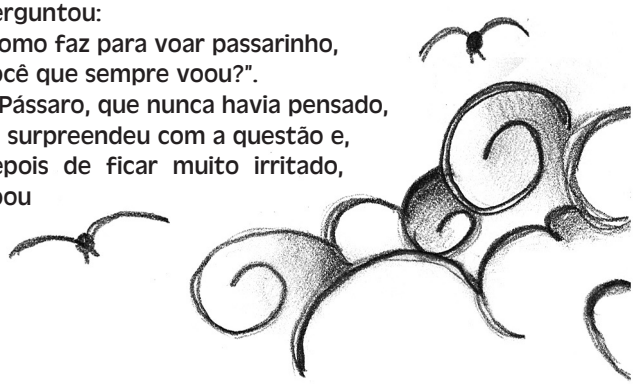
Depois de muito tempo pensando a Lebre logo percebeu: muitos sonhos e pensamentos não a levariam ao céu.

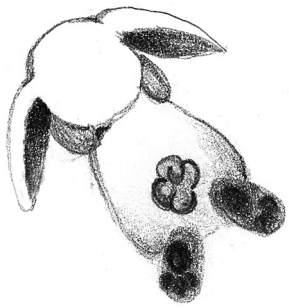
"Vou ao encontro do Pássaro!", disse ela animada.

Não demorou a avistar seu ninho e logo lhe perguntou:

"Como faz para voar passarinho, você que sempre voou?".

O Pássaro, que nunca havia pensado, se surpreendeu com a questão e, depois de ficar muito irritado, voou





A Lebre toda entristecida, sem mais nenhum sonho ou destino, abaixou as orelhas compridas e se foi, com o salto tímido.

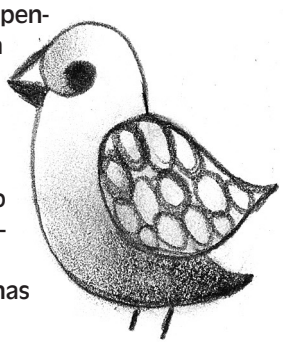
Passaram-se noites e dias e o bosque todo estava sussurrando: "Pobre Lebre querida, terminará sua vida chorando".

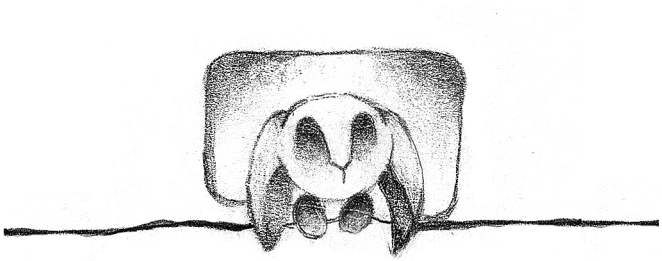
O Pássaro sentiu-se arrependido, "Oh, ela só queria voar". O quão rude havia sido!

"Irei a encontrar, sei que posso ajudar".

Pensou, pensou e pensou: como podia voar? Só alguém que sempre voou saberia domar o ar?

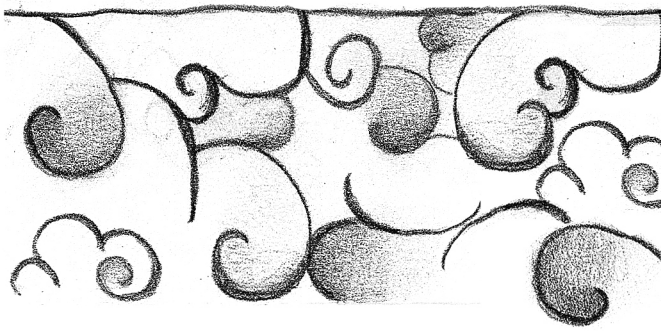
"Tão fácil é voar, bastam apenas asas e um pouco de ar".



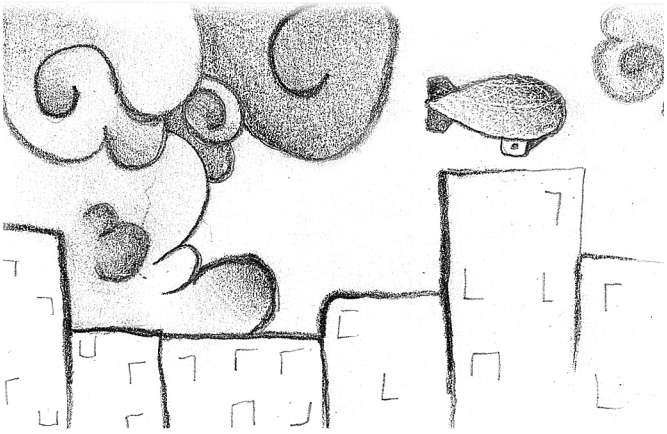


Foi até a Lebre contar sua idéia, bateu a porta e esperou.

"Quem veio atrapalhar minha tragédia?" de dentro da casa a Lebre gritou.



Posso ajudar, agora tenho a resposta, vamos para a cidade e com um par de asas você voltará nas costas."



Na cidade dos homens, tudo se torna real, as idéias e os sonhos eram lá possíveis, com máquinas voadoras de metal e seus humanos em todos os cantos, além dos visíveis.



Um deles, um dos humanos, de cabelos bem brancos, como os raios lua, depois de vê-los zanzando ofereceu sua ajuda.

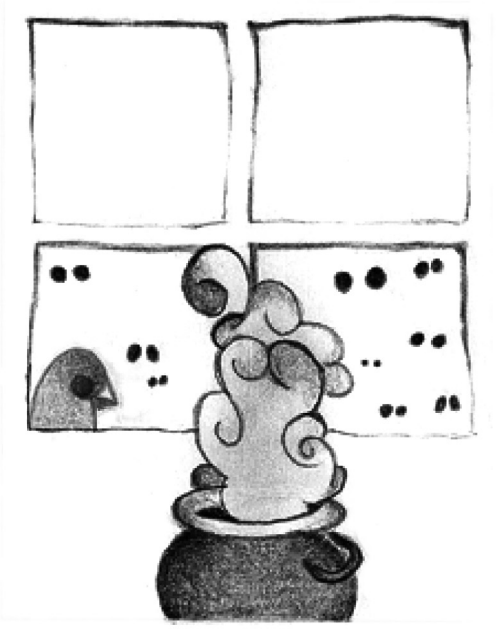


O Pássaro, contente, voltou ao bosque com a história e voando bem alto gritou para todos: "Um homem muito bondoso vai ensinar nossa Lebre voar!". E o bosque inteiro virou um festejo.



Passaram-se muitos dias e ninguém mais podia se conter. "Vamos todos ver nossa amiga, vamos à cidade!". E todos começaram a correr. Os roedores, as aves, os herbívoros e os carnívoros, sem distinção de tamanho, cor ou idade, estavam todos unidos.

Bateram a porta, chamaram pela Lebre, mas não tiveram retorno. Olharam pela janela, e "pobrezinha da Lebre", todos exclamaram, "Ela está no fogo!". E lá estava a Lebre querida, dentro de uma panela.



E a moral disso é "seja o que você parece ser"... ou trocando em miúdos, "Nunca imagine que você mesma não é outra coisa senão o que poderia parecer a outros do que o que você fosse ou poderia ter sido não fosse senão o que você tivesse sido teria parecido a eles ser de outra maneira"

Duquesa em Alice no país das maravilhas


coletivo fabulário